



DESCOLONIZANDO O SABER: Educação das Relações Étnico-raciais no terreiro de candomblé Ilê Axê Ojuomi

Mikaelly Silva Andrade¹

RESUMO

No presente texto, relato minha participação na disciplina "Metodologias, Aprendizagem e a Educação das Relações Étnico-raciais", do Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática da Universidade Federal de Pernambuco. A disciplina foi realizada em formato de imersão, ocorrendo ao longo de dois finais de semana no Ilê **Axê Ojuomi**, um terreiro de Candomblé, em Recife-PE. Durante essa experiência, exploramos metodologias ativas, criativas e afetivas para a educação e as relações étnico-raciais. A vivência no terreiro de candomblé proporcionou um ambiente acolhedor e significativo para a discussão de conceitos teóricos e práticos, ressaltando a importância da pedagogia decolonial e sua aplicação no âmbito educacional. Além disso, tive a oportunidade de conhecer mais sobre a cultura afro-brasileira e testemunhar a resistência histórica e contemporânea do povo negro. Essas experiências permitiram uma reflexão sobre diferentes formas de aprendizagem e o papel transformador da educação. Neste relato, destaco a relevância de ampliar o espaço de aprendizagem para além das tradicionais salas de aula, reconhecendo os terreiros de candomblé como locais de conhecimento e de aprendizado.

Palavras-chaves: Pedagogia decolonial; Relações étnico-raciais; Terreiro de candomblé.

1 INTRODUÇÃO

Estamos acostumados a associar aprendizagem a um ambiente formal, com salas de aula tradicionais, carteiras enfileiradas e um professor transmitindo conhecimento. Mas é mesmo necessário limitar o espaço de aprendizagem a esses moldes convencionais? Não podia os terreiros de candomblé serem locais de conhecimento e aprendizagem?

Por meio da disciplina "Metodologias, Aprendizagem e a Educação das Relações Étnico-raciais", ofertada pelo Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática (PPGECM) da Universidade Federal de Pernambuco, pude vivenciar, no terreiro de candomblé, uma das experiências mais marcantes da minha jornada acadêmica.

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática (PPGECM) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Email: mikaelly.andrade@ufpe.br.



Neste relato, que de certo modo, também escapa dos moldes comumente utilizados na academia, compartilharei algumas observações, reflexões e aprendizados e levarei você a vivenciar um pouco dessa jornada imersiva junto comigo.

2 METODOLOGIAS, APRENDIZAGEM E A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

A disciplina “Metodologias, Aprendizagem e a Educação das Relações Étnico-raciais”, ofertada pelo Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática (PPGECM) da Universidade Federal de Pernambuco, proporcionou uma experiência única e enriquecedora aos seus participantes. Os encontros, em formato de imersão, aconteceram durante dois finais de semana, nos dias 21, 22 e 23 de abril e 02, 03 e 04 de junho de 2023, no Ilê **Axé Ojuomi**, um terreiro de Candomblé e sede do Afoxé **Omó Nilé Ogunjá**², localizado na comunidade do Ibura, em Recife-PE.

Tal componente curricular, de acordo com o plano de ensino³, visava proporcionar, ao longo das atividades propostas, aos alunos a construção dos seguintes objetivos: desenvolver competências que lhes permitam desenhar e implementar propostas de atividades envolvendo educação e as relações étnico-raciais (ERER); conhecer e caracterizar metodologias ERER, além de novos arranjos pedagógicos para a sala de aula; planejar atividades pedagógicas e desenvolver instrumentos de avaliação para aprendizagens suportadas por metodologias ERER.

A disciplina foi ministrada pelos professores Doutores Marcos Alexandre de Melo Barros e José Ivanildo Felisberto de Carvalho. Participaram, enquanto discentes, 36 estudantes. Destes, dois estudantes de graduação, dez integrantes do Afoxé, e os demais, estudantes de mestrado. Além disso, várias pessoas estiveram envolvidas

^{2 2} De acordo com informações do site Encontroteca: “O Afoxé Omô Nilé Ogunjá é um grupo cultural e artístico, fundado em 4 de outubro de 2004, na comunidade do Ibura, em Recife, onde está plantado o axé. A missão do grupo é fomentar ações que valorizem a cultura afro-brasileira com o intuito de promover políticas afirmativas, fortalecendo a identidade étnico racial por intermédio da arte do afoxé em âmbito nacional e internacional. Disponível em: <https://www.encontroteca.com.br/grupo/afoxe-omo-nile-ogunjia>. Acesso em: 26 jun. 2023.

³ Disponível em: https://www.ufpe.br/documents/39774/4619727/Proposta+da+Disciplina+Ile+Axe+Ojuomi.pdf/6995cec_c-360d-4dd2-a95f-94112a7514b9. Acesso em: 26 jun. 2023



nos bastidores, desempenhando papéis fundamentais na organização e na preparação dos lanches, dos almoços e do ambiente como um todo.

Ao longo dos dias da imersão, a disciplina proporcionou um espaço de aprendizado e reflexão, pois os participantes puderam se engajar em diálogos sobre as relações étnico-raciais, a pedagogia decolonial e suas aplicações práticas na educação. A presença dos integrantes do Afoxé enriqueceu as atividades com perspectivas diversas e com experiências compartilhadas, potencializando ainda mais essa vivência. Na sequência, apresentamos a organização das atividades da disciplina.

3 ANTECIPAÇÃO

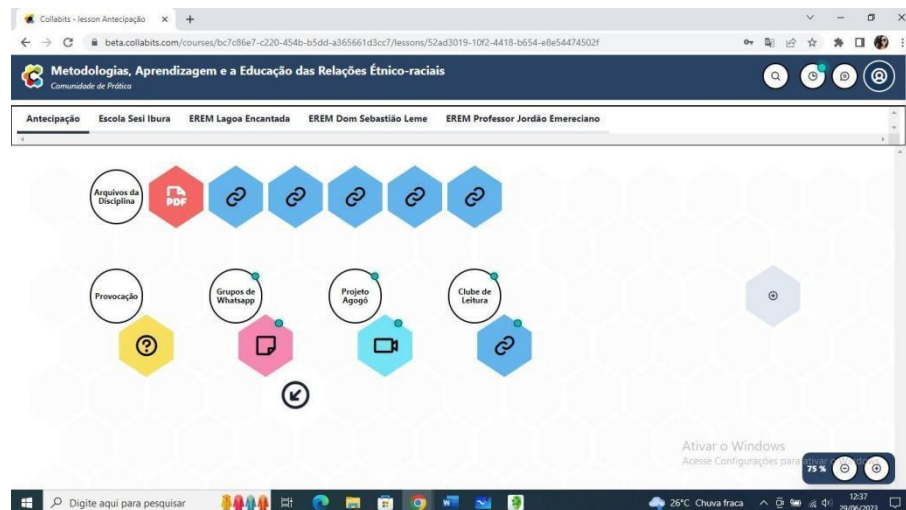
Ao realizar a matrícula na disciplina, recebemos o plano de ensino detalhado e os professores nos apresentaram uma explicação abrangente sobre como seria o desenvolvimento dela. Na sequência, fomos convidados a preencher um formulário eletrônico no *google forms*, no qual fornecemos algumas informações pessoais e compartilhamos as nossas expectativas a fim de que os professores nos conhecessem melhor.

Para facilitar a comunicação e a troca de informações, foi criado um grupo no *whatsApp*. No início, os professores propuseram que os participantes gravassem um breve vídeo de apresentação, o que nos permitiu nos conhecermos melhor. Tanto por meio do grupo do *whatsApp*, quanto por *e-mail*, recebemos informações e instruções sobre o *collabits*⁴, uma plataforma utilizada como comunidade de prática ao longo de toda a disciplina.

⁴ Disponível em: <https://www.collabits.com/>. Acesso em: 28 jun. 2023.



Imagem 1 - Tela do Collabits



Fonte: Própria (2023)

Essas ferramentas foram fundamentais para manter todos os participantes atualizados e envolvidos durante o curso. Ainda durante essa fase de antecipação, organizou-se uma rede de acomodações compartilhadas para os participantes que não eram da cidade e precisavam de hospedagem. Alguns estudantes foram recebidos por amigos ou familiares, enquanto outros puderam ficar na casa dos professores, e alguns se hospedaram no próprio Afoxé.

Antes do nosso primeiro encontro presencial, dedicamos um tempo para a leitura de dois artigos: **Pedagogías Decoloniales** (Walsh, 2017) e **Decolonising Educational Technology** (Traxler, 2022). Essas leituras foram sugeridas para introduzir os estudantes ao tema abordado na disciplina e familiarizá-los com alguns conceitos e debates relevantes.

4 PEDAGOGÍAS DECOLONIALES

O referido artigo, publicado em 2017 como capítulo no livro **Convergencias y divergencias: hacia educaciones y desarrollos "otros"**, apresenta um diálogo que acontece entre Catherine Walsh e Pilar Cuevas. Walsh e Cuevas são professoras doutoras, “[...] companheiras de formação e militância, duas mulheres que percorreram caminhos para desconstruir-construir discursos e práticas pedagógicas” (Walsh, 2017, p. 55, tradução nossa).



Por meio dessa conversa, Walsh (2017) relata sobre o seu encontro com Paulo Freire, nos Estados Unidos, e, conseqüentemente, sobre a sua vinculação com o pensamento e a pedagogia crítica. Ela trata também da sua experiência na educação e no ativismo em prol da justiça social, política e racial.

Walsh (2017) destaca que o encontro com Freire em 1980 e as atividades que ela pode desenvolver com ele, em universidades e em projetos de educação popular, foi significativo para que ela pudesse compreender que a postura crítica e transformadora começa nas relações humanas significativas.

Ainda a partir desse encontro, Walsh trabalhou junto a um coletivo de pedagogia crítica em uma luta em busca de justiça social. Até que decide sair dos Estados Unidos e ir ao Equador em busca de um novo caminho, com o intuito de “aprender a desaprender para aprender de outra forma, em outro lugar” (Walsh, 2017, p. 58, tradução nossa).

A partir de então, Walsh começa a repensar seu trabalho pedagógico e enfrenta o desafio de distanciar-se dos conceitos ocidentais que foram construídos no que ela chama de “deformação acadêmica”, nos Estados Unidos, para pensar a partir de referenciais que não fossem do Norte Global.

Nesse ponto, anos depois de ter deixado de lado as leituras de Freire e a partir das novas vivências, discussões e encontros, Walsh (2017) relata que releu toda a obra de Freire, apresenta o que leva dela, mas aponta também que a pedagogia crítica possui limitações e não é mais suficiente para enfrentar os desafios que surgem em uma sociedade profundamente colonial. Porque a teoria crítica e conseqüentemente a educação popular “permanece enraizada em um paradigma altamente antropocêntrico, marxista e ocidental” (Walsh, 2017, p. 63, tradução nossa).

Desse modo, ela aponta três elementos-chaves para a reflexão do porquê da consideração sobre a pedagogia crítica não ser suficiente:

A pedagogia crítica pensa sua crítica a partir de uma perspectiva teórica predominantemente ocidental, dentro da própria modernidade, não vai além, não tenta pensar nas bordas, nas margens da modernidade” (p. 63).

A pedagogia crítica é uma pedagogia que parte do indivíduo, ou melhor, de como podemos transformar a consciência do indivíduo, não necessariamente as estruturas da sociedade que constroem indivíduos que estão em competição uns com os outros [...] (p. 63)



[...] a pedagogia crítica tem sido historicamente uma aposta de uma esquerda masculina, que às vezes não consegue enxergar além de sua própria posição (p. 64)

E discutindo formas de enfrentar essa realidade, Walsh (2017) propõe pensarmos acerca de diferentes pedagogias, dando destaque a pedagogia decolonial e considerando as pedagogias “[...] como práticas, como estratégias, como metodologias que se entrelaçam e se constroem na resistência, como insurgências político-epistêmicas” (Walsh, 2017, p. 60, tradução nossa). Ela sugere uma pedagogização do decolonial de forma que seja transformado em ação. Podendo, a partir disso, surgir atuações como resistir, transgredir, fissurar, ouvir, entre outras.

A conversa continua com Walsh (2017) explicando do que trata a questão decolonial, e nesse ponto trata também do epistemicídio quando aponta que as ideias de raça, gênero, ideias impostas e geopolítica têm homogeneizado, classificado e hierarquizado as pessoas e seus conhecimentos. De forma que quem produz ciência é o branco ocidental e o povo negro é visto como ser não cognoscente, sendo suas descobertas e produções de conhecimento consideradas, na melhor das hipóteses, como senso comum.

No texto, Walsh menciona estudiosos que abordaram o tema decolonial, como Frantz Fanon, Sylvia Wynter e Manuel Zapata Olivella. E aponta a necessidade de pensar projetos e ações de pedagogia decolonial para conscientizar e descolonizar, do individual até o estrutural, para desafiar as estruturas de dominação e promover a transformação social.

No fim da conversa, surgem algumas provocações de outros participantes e Catherine Walsh responde às perguntas e comenta as reflexões que foram levantadas, enfatizando a importância de uma pedagogia decolonial, da produção de conhecimento de forma conjunta e da necessidade de fazer rachaduras/fissuras/brechas para construir diálogos e articulações.

5 DECOLONISING EDUCATIONAL TECHNOLOGY

O artigo, de autoria do professor John Traxler, aborda a descolonização da tecnologia educacional. De acordo com Traxler (2022, p. 1):



Descolonização é o termo comumente usado para descrever os atos de reconhecer, confrontar e desfazer os processos, estruturas e conceitos pelos quais qualquer país, cultura ou comunidade mais poderosa oprime outra menor, seja atual ou histórica, física ou remotamente.

No texto, é destacada a necessidade de explorar a descolonização através da lente da pandemia global, que acelerou a adoção de tecnologias de aprendizagem digital. Além disso, enfatiza a distinção entre "*edtech*", que se refere a sistemas digitais projetados para educação formal, e "tecnologias digitais para aprendizagem", que inclui tecnologias usadas por indivíduos fora da educação formal. Argumenta-se que ambas as formas de tecnologia perpetuam ideologias coloniais e valores da cultura anglofônica dominante.

Traxler reconhece a crescente literatura acadêmica sobre a descolonização na educação, mas observa que ela está principalmente focada na descrição e na análise, em vez de políticas ou soluções práticas. Ele enfatiza a importância de avançar em direção a soluções sustentáveis e alcançáveis que abordem os diversos interessados envolvidos na tecnologia educacional.

O texto explora também o contexto global mais amplo da descolonização, incluindo desafios às heranças do colonialismo e do imperialismo europeu, como a repatriação de artefatos culturais e as discussões de justiça reparadora para a escravidão. Também menciona várias dimensões do colonialismo, incluindo as experiências de povos indígenas e comunidades migrantes minoritárias.

No tocante à educação, o autor argumenta como a colonização se manifesta destacando a necessidade de descolonizar o currículo, a pesquisa educacional e as instituições educacionais. Ele aponta que o currículo é um local central que ocorre o colonialismo e a colonialidade, afetando recursos, horários, avaliações e corpo docente. Além disso, a arquitetura das escolas e das universidades reflete influências europeias e há uma mentalidade colonial persistente nas relações globais de ensino. A busca por *rankings* e classificações também reproduz valores ocidentais e distorce as aspirações das instituições em outros lugares do mundo. A herança colonial também influencia a educação informal das pessoas.

O colonialismo na academia se manifesta de várias maneiras, perpetuando desigualdades e marginalizando perspectivas não ocidentais. Traxel (2022) mostra



que a publicação em revistas de alto impacto em inglês reforça o domínio da cultura ocidental e exclui pesquisadores de contextos não anglófonos. Além disso, as práticas de financiamento de pesquisa do Norte global desfavorecem instituições e pesquisadores do Sul global, perpetuando assim mentalidades coloniais.

Para alcançar a descolonização, é colocado por Traxel (2022) que os esforços precisam ocorrer em todas as áreas, incluindo tecnólogos educacionais, gestores de TI, formuladores de políticas, gestores institucionais, alunos e suas comunidades. No entanto, o desafio está no fato de que os próprios agentes e instituições que defendem a descolonização também podem perpetuá-la de outras formas.

De forma geral, o artigo pede uma teoria de mudança que impulse a descolonização da tecnologia educacional e forneça orientação para profissionais, formuladores de políticas e interessados em todo o sistema educacional.

2.1 VIVÊNCIAS PRESENCIAIS

Ao adentrar em um terreiro de candomblé para cursar a disciplina de mestrado, deparei-me com um ambiente que proporciona uma experiência de aprendizado completamente diferente de tudo que eu imaginava. Após tantas aulas, ao longo da minha vida escolar e acadêmica, em espaços convencionais com mesas e cadeiras enfileiradas e outros objetos típicos da tradicional sala de aula, eu estava ciente de que esta disciplina seria diferente em termos de ambiente, mas ainda esperava encontrar as características tradicionais lá.

No entanto, não havia cadeiras, mesas ou quadro branco na parede. Havia uma colcha de retalhos no chão e algumas almofadas, criando um ambiente acolhedor que transmite cuidado e afeto. Essa configuração despertou em mim uma memória afetiva muito especial. Quando eu era criança, costumava brincar com uma senhora muito querida, minha vizinha, sobre uma colcha de retalhos na casa dela. Nós brincávamos de boneca, fazíamos piqueniques e construíamos casinhas com lençóis e almofadas. Isso fazia daquela colcha de retalhos um dos melhores lugares do mundo.



Imagem 2 - A sala e a colcha de retalhos

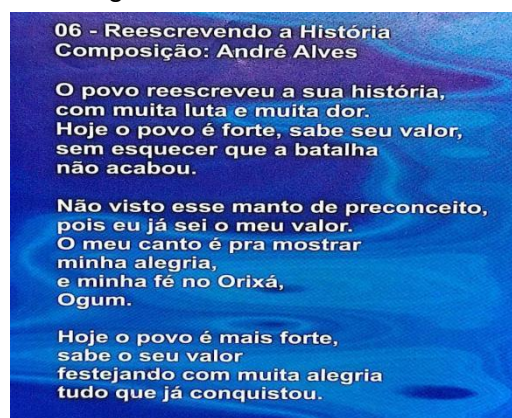


Fonte: Arquivos da disciplina (2023)

Foi nesse ambiente que debatemos sobre os fundamentos teóricos e metodológicos do ensino criativo, afetivo, imersivo e inovador, com base na pedagogia decolonial por meio de metodologias de fato criativas, afetivas e inovadoras. Na sequência, compartilho um pouco das que foram mais marcantes para mim.

No primeiro bloco (semana 1), por vezes, o canto tomou conta da sala de aula. Através da análise das letras das músicas, surgiam debates enriquecedores, o que me levou a refletir sobre as diversas formas pelas quais a aprendizagem pode ocorrer. Em especial, as músicas do Afoxé foram de uma riqueza sem tamanho para o nosso estudo das relações étnico-raciais. As letras carregam consigo uma carga histórica, social e cultural ligada à resistência, à valorização da cultura afro-brasileira e à luta contra o racismo e a intolerância religiosa.

Imagem 3 - Letra de uma música



Fonte: Arquivos da disciplina (2023)



A mensagem da música contida na imagem anterior despertou emoções indescritíveis, me sensibilizou e me incentivou a refletir sobre os desafios enfrentados pelo povo negro no decorrer de toda a história.

Além disso, também tive a oportunidade de me conectar um pouco mais com a cultura afro-brasileira, que até então era desconhecida para mim, por meio das oficinas de percussão e dança. Nelas, nos foram apresentados os instrumentos, que pudemos tocar e também aprendemos a coreografia de uma música.

Imagem 4 - Momento das oficinas de percussão e dança



Fonte: Arquivos da disciplina (2023)

Ainda na primeira semana, visitamos o terreiro Xambá, localizado na cidade de Olinda-PE. Não diferente das experiências já citadas, essa foi incrível. Ouvimos relatos sobre a luta do povo negro e sua resistência em manter os terreiros em funcionamento, apesar dos inúmeros ataques e perseguições policiais ocorridos na década de 1950, que buscavam suprimir e deslegitimar as tradições afro-brasileiras. De acordo com a fala do senhor que nos recebeu, os terreiros de candomblé eram considerados como ameaças à religião dominante, por isso eram alvos de repressão e criminalização.

Imagem 5 - Visita ao Xambá



Fonte: Arquivos da disciplina (2023)



Dentro do terreiro, visitamos o memorial “Severina Paraíso da Silva”, que desempenha o papel de um museu dedicado a preservar as memórias da Nação Xambá. Esse memorial é o primeiro museu afro de Pernambuco.



Imagem 6 - Visita ao Memorial Severina Paraíso da Silva
Fonte: Arquivos da disciplina (2023)

Em outro momento, fomos surpreendidos com o espetáculo de teatro de mamulengos **MatemÁfrica**: raízes do Voo da Sankofa e a **Potência do Boi-Bumbá**. O espetáculo retrata a viagem dos personagens Bastião, Catirina e Mateus que vão ao encontro dos saberes matemáticos africanos. De forma lúdica e divertida, percebemos algumas das potentes contribuições africanas que contribuíram significativamente para o progresso da matemática.

Imagem 7 - Teatro de mamulengos



Fonte: Arquivos da disciplina (2023)

Finalizando o primeiro módulo, no domingo, o Afoxé **Omô Nilê Ogunjá** promoveu o IX Festival Feijão de Ogum. De acordo com informações contidas no site do Omô Nilê⁵,

O Feijão de Ogum é realizado pelo Afoxé Omô Nilê desde 2013. Ao evocar o cheiro ancestral da feijoada, o Afoxé reverência a resistência das senzalas e as memórias das pessoas escravizadas, das culturas e das tradições negras, além de fortalecer as lutas coletivas e antirracistas dos dias atuais. A feijoada



é também uma comida ofertada, nos terreiros de Candomblé, ao orixá Ogum, divindade africana associada à guerra e à tecnologia, que é patrono do Afoxé.

Na ocasião, o Afoxé seguiu em cortejo pelas ruas do bairro Ibura para a “buscada do feijão”. Antes da experiência dessa disciplina, eu não sabia o que era Afoxé e nunca havia presenciado um cortejo desse tipo. Dessa forma, foi significativo participar desse momento, que me fez perceber que essa manifestação cultural que ocupa o espaço público é uma forma de desafiar a marginalização e a invisibilidade do povo negro.

×Imagem 8 - Afoxé na rua



Fonte: Arquivos da disciplina (2023)

No primeiro dia do segundo bloco da disciplina, em grupos, visitamos quatro escolas do Ibura: EREMs Lagoa Encanta, Sebastião Leme, Jordão Emerenciano e a escola do Sesi. No meu caso, integrei o grupo do Sesi, onde passamos uma manhã inteira realizando atividades com os estudantes do Ensino Médio. A proposta era conhecer a instituição e a comunidade escolar. Para, a partir das informações coletadas, propormos atividades a serem realizadas pelo Afoxé **Omô Nilê**, dentro do “Projeto Agogô - O Enunciado que Faz Acontecer”. Ele é fruto de uma parceria entre a UFPE e o Afoxé, promovido com o apoio do fundo Baobá. A seguir, descrevo as atividades que foram realizadas pelo grupo SESI nesta etapa.

Começamos organizando o auditório da escola para receber os estudantes. Para iniciar as atividades, tivemos uma conversa inicial com cada turma que chegava ao auditório, na qual nos apresentamos e discutimos um pouco sobre a atividade proposta para aquele momento.

Distribuímos *QR codes* por todo o auditório que direcionavam os estudantes para um formulário no *google docs*. Esse formulário tinha o objetivo de coletar



informações sobre os alunos e suas concepções iniciais sobre a temática étnico-racial. Os professores também foram convidados a responder um formulário específico.

Na sequência, apresentamos um vídeo que recriava um experimento psicológico realizado nos anos 40 nos Estados Unidos, conhecido como "teste da boneca". Esse experimento tinha como propósito avaliar o grau de marginalização vivenciado por crianças afro-americanas devido ao preconceito, discriminação e segregação racial.

Após a exibição do vídeo⁵, estabelecemos um debate sobre as impressões dos estudantes em relação ao conteúdo apresentado. Essa discussão permitiu explorar as percepções e reflexões dos alunos sobre o tema.

Como última atividade desse bloco, realizamos o jogo do privilégio branco⁷. Nesse jogo, os próprios estudantes se tornaram as peças, movendo-se de acordo com sua história de vida e respondendo a perguntas que os levavam a dar passos para frente ou para trás. Esse jogo levou os participantes a refletirem sobre a dinâmica racial presente em nossa sociedade, ilustrando as desigualdades raciais no Brasil. Além disso, contribuiu para a condução de uma discussão mais aprofundada sobre essa questão.

Na noite desse mesmo dia, no Teatro do Parque, prestigiamos o espetáculo circense: "PROTAGONISTAS" – O Movimento Negro no Picadeiro. Apresentado pelo coletivo Prot{agô}nistas, o espetáculo, de acordo com informações do site Mundo Negro⁶,

[...] exalta e ressalta a (r)existência, o poder, a estética e ética de uma negritude em diáspora através de uma narrativa afro-referenciada, celebrativa, ancestral, representativa e afetiva. Conta com números de palhaçaria, tecido, trapézio, contorcionismo, perna de pau e dança permeados por músicas autorais.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CdoqgmNB9JE>. Acesso em: 29 jun. 2023. ⁷ É possível ver uma demonstração do jogo no link: <https://www.youtube.com/watch?v=MuoE3IJZoZU>. Acesso em: 29 jun. 2023.

⁶ Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/aclamado-espetaculo-circense-protagonistas-o-movimento-negro-no-picadeiro-estreia-no-rj/>. Acesso em: 29 jun. 2023



Imagem 11 - Espetáculo no teatro



Fonte: Arquivos da disciplina (2023)

Por meio de sua arte, o Coletivo Prot{agô}nistas destaca a negritude de forma positiva e afirmativa. Com isso, transmitem mensagens de empoderamento, resiliência e pertencimento. De forma leve e envolvente consegue conectar quem os assiste com as histórias e as vivências da negritude. Essa experiência foi profundamente significativa e marcante para mim, uma vez que representou minha primeira imersão no ambiente teatral.

Nos dias seguintes, nos reunimos no Afoxé para compartilhar com os demais grupos as experiências vivenciadas nas atividades. Cada uma das quatro escolas teve uma dinâmica diferente e realizou atividades distintas, enriquecendo ainda mais a troca de aprendizados.

A partir disso, iniciamos uma gincana, percorrendo as ruas do Ibura de porta em porta em busca de alunos ou ex-alunos das escolas onde realizamos as ações. O objetivo era convidar aqueles que se dispusessem a nos acompanhar até o Afoxé para conversar sobre suas experiências como estudantes e nos ajudar a conhecer melhor a escola e a comunidade escolar local. Essa abordagem nos permitiu personalizar o projeto de acordo com as necessidades de cada escola.

Através dos relatos dos estudantes, tivemos uma aprendizagem única e enriquecedora, que nenhuma discussão sobre textos acadêmicos poderia nos proporcionar. Esse momento foi descrito por um dos professores como uma verdadeira encruzilhada de potências, pudemos compreender a realidade e os desafios



enfrentados pelos alunos de forma mais genuína.

A disciplina foi concluída no domingo com mais entrevistas e conversas com estudantes das escolas, além de uma roda de conversa com os coletivos: Ibura Black, Coletiva Periféricas e a Mameto Nadjá Baléginam e Kaiangu da Gomeia.

Imagem 12 - Roda de conversa com os coletivos



Fonte: Arquivos da disciplina (2023)

Por fim, concluímos essa vivência com uma profusão de emoções e muito Axé, deixando em cada um dos envolvidos uma experiência inesquecível, de significado e (des)construção.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa disciplina me proporcionou um aprendizado profundo e transformador. A abordagem metodológica baseada na pedagogia decolonial e nas vivências imersivas me permitiu uma compreensão mais ampla das relações étnico-raciais e de sua importância na construção de uma sociedade mais justa.

A experiência de estar em um terreiro de candomblé e vivenciar outras atividades complementares, como, por exemplo, a ida ao teatro, ampliou minha visão de mundo e me sensibilizou para as lutas e conquistas do povo negro. Foi através das leituras, das discussões e das atividades desta disciplina que fui exposta a conceitos que nunca haviam cruzado o meu caminho. Pude entender o quão central o eurocentrismo foi, e ainda é, para a construção de muitos sistemas de pensamento dominantes, ignorando e silenciando outras perspectivas e modos de



conhecimento. Percebi também o quanto minha visão de mundo era restrita e profundamente enraizada na colonialidade.

Portanto, essa disciplina foi um ponto de virada em minha formação acadêmica e pessoal. Foi um convite para olhar além dos meus limites impostos pela visão eurocêntrica, confrontando meu próprio privilégio, enquanto pessoa branca, e minha falta de conhecimento sobre a cultura e luta do povo negro.

Nessa experiência, cada espaço e cada encontro tornaram-se oportunidades para expandir horizontes e descobrir novas perspectivas. O terreiro de candomblé me mostrou que a aprendizagem não precisa ser restrita às paredes de uma sala de aula convencional. Qualquer espaço pode se tornar um lugar de conhecimento se soubermos explorar suas potencialidades.

Parafraseando Walsh (2017), reconheço que ainda há muito a aprender e a desaprender, mas a semente foi plantada. E como educadora e pesquisadora, saio dessa experiência com o desejo de lutar por uma educação inclusiva, antirracista e comprometida com a valorização das diferentes culturas presentes em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

TRAXLER, John. **Descolonizando a Tecnologia Educacional**. 2022.

WALSH, Catherine. Pedagogias Decoloniais. In: ALARCON, Tatiana et al. **Convergencias y divergencias: hacia educaciones y desarrollos "otros"**. Bogotá, Colombia: Corporación Universitaria Minuto de Dios, 2017. p. 55-78. ISBN 978-958-763-251-4. Disponível em: <https://repository.uniminuto.edu/handle/10656/5825>. Acesso em: 17 abr. 2023.